

TENDÊNCIAS DO ENSINO DE COMUNICAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS (*)

JOSÉ MARQUES DE MELO

Ex-Diretor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. Atual Professor da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (São Paulo) e Chefe do Departamento de Jornalismo da Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.

A década de 60 marcou, nos USA, a transformação das antigas Escolas e Departamentos de Jornalismo em Escolas e Departamentos de Comunicação, envolvendo um universo de conhecimentos bem mais amplo que o simples processo de captação, codificação e difusão da mensagem de atualidades. Se bem que esse processo tenha começado na década anterior, ele se consolida nos anos 60, representando em certo sentido um declínio da primacia das atividades profissionais relacionadas com os *media*, e fortalecendo a nova e ascendente área de estudos teóricos sobre o processo da comunicação.

Se, por um lado, a transfiguração das escolas de jornalismo teve a finalidade de incluir os novos *media* e as novas formas de difusão de informações massivas, por outro lado, tais atividades não conquistaram suficiente atenção e interesse por parte da comunidade universitária. Elas se desenvolveram modestamente, se comparadas

(*) Os dados contidos neste artigo provieram do relatório de pesquisa apresentado pelo autor à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), entidade que patrocinou o seu programa de estudos de pós-doutoramento junto à University of Wisconsin (Madison, Wis., USA), durante o ano acadêmico 1973/1974.

à intensificação dos estudos e pesquisas vinculados ao fenômeno social da comunicação de massa.

Pouco a pouco os tão prestigiados mestres das técnicas jornalísticas foram perdendo terreno para os novos e sofisticados professores das disciplinas teóricas que passaram a dispor de mais recursos e oportunidades para realizar as suas pesquisas. Em parte, isso se explica em face do interesse público gerado pelos efeitos da comunicação de massa (violência, erotismo, alienação etc.), criando condições para o carreamento de recursos governamentais ou empresariais destinados à pesquisa empírica dos novos fenômenos sociais.

A conseqüência pedagógica desse movimento foi o decréscimo do interesse pelos assuntos efetivamente profissionais, tanto por parte dos estudantes (fascinados pelos novos temas discutidos) como por parte dos docentes (tendidos, por comodismo ou por interesse material, a abraçar a nova corrente de estudos, mais aquinhoadas financeiramente e mais rendosa em termos de sucesso pessoal).

Um exame nos programas de doutorado, praticamente solidificados na década anterior, dá uma visão exata desse processo transformacional. Não cabe discussão sobre a natureza predominantemente acadêmica que deve ter um programa avançado de pós-graduação. O que cabe discutir são as possibilidades de sua vinculação com a realidade em que se insere; enfatizar as atividades de pesquisas é um requisito natural em tal circunstância, mas não se concebe que esse trabalho de investigação assuma uma dimensão em tal nível teórica, que perca a perspectiva do seu próprio contexto.

Uma indagação que pouco freqüentemente fizeram os *scholars* norte-americanos nessa fase de transição do domínio dos *jornalistas* para a quase supremacia dos *comunicólogos* foi a seguinte: qual a função das atividades universitárias no setor da comunicação de massa? A resposta evidentemente situar-se-ia em dois níveis: formar bons profissionais para atuar nos *media* e de desenvolver estudos e pesquisas teóricas que ajudem a melhorar os padrões de comunicação, favorecendo a integração do indivíduo à sua sociedade.

Tais diretrizes foram de alguma maneira relegadas a segundo plano, na medida que os comunicólogos buscaram sofregamente desenvolver métodos de pesquisa e realizar abordagens teóricas que os equiparassem, dentro da comunidade universitária, aos especialistas em outras áreas das ciências sociais.

É inegável que trabalhos de excelente qualidade foram realizados ou continuam em andamento, mas a sua aplicabilidade distancia-se cada vez mais dos *media* (até mesmo pela linguagem, praticamente inacessível a quem está do outro lado) e aproxima-se dos educadores, planejadores e controladores sociais.

Assim sendo, a tendência assumida pela pós-graduação em comunicação nos anos 60 contribuiu muito menos para melhorar e

aperfeiçoar os *media*, enquanto instrumentos de integração social, e muito mais para ajudar as elites a controlar as massas populares. Contudo, o aspecto mais lamentável é o alheamento relativo a que se impuseram quanto à *mensagem* em si, cuidando mais dos seus *efectos*. Ora, a comunicação de massa, após a Segunda Guerra Mundial, iniciou um processo de mutações globais, em que os velhos padrões da comunicação jornalística entravam em decadência, necessitando novos caminhos e novas soluções para se adaptar a um público cada vez mais exigente de informação utilitária. Contribuir para equacionar tais exigências teria sido o papel mais adequado das instituições universitárias. Como isso não ocorreu, o que se verificou foi uma crise do próprio jornalismo, crise sobretudo de descrédito popular, a que se segue uma crise de qualidade e funcionalidade.

Essas reflexões iniciais vêm a propósito dos fundamentos que impulsionaram uma contestação vigorosa, nos anos 70, dentro das próprias escolas de comunicação, a respeito das tendências assumidas pela sua programação de estudos avançados.

Poderíamos dizer que a eclosão desse contramovimento originou-se no bojo do fenómeno *Watergate*, em cujas origens e desenvolvimento a imprensa jogou um papel decisivo, reativando a auréola quase perdida pelo jornalista, que volta a figurar com mais destaque social, avultando o seu papel como intérprete e agente dos interesses populares.

O número de matrículas nos cursos de jornalismo aumentou sensivelmente nos últimos semestres, e se aponta diretamente *Watergate* como reponsável por esse interesse que se reacende na juventude americana.

Enquanto isso, os professores de jornalismo discutem com entusiasmo a necessidade de uma readequação dos programas de pós-graduação, no sentido de torná-los mais úteis à sociedade e ao momento histórico. Nas últimas reuniões da AEJ (Association for Education in Journalism) tal debate vem se tornando cada vez mais acirrado, figurando de um lado os comunicólogos, que defendem a continuação das atuais tendências e justificam maior reforço na formação de investigadores, e de outro lado os jornalistas e demais profissionais dos *media*, que reclamam uma orientação mais realista, seja no sentido de transformar métodos de ensino, seja também com o objetivo de readequar os currículos, tornando-os mais utilitários e menos sofisticados.

O líder principal dessa segunda corrente é o prof. Curtis Mac Dougall, que vem advertindo com bastante constância, nos últimos anos: "as escolas de jornalismo estão sendo arruinadas". Ele não se opõe a uma tendência acadêmica, voltada sobretudo para a pesquisa nos cursos de pós-graduação. O que ele enfatiza é o perigo já de-

monstrado de um estreitamento dos horizontes dos pós-graduados, que conhecem muito bem as sofisticadas técnicas de pesquisa quantitativa, o uso de computadores, as teorias mais avançadas em matéria de efeitos da comunicação, mas não sabem como comunicar-se, nem produzir comunicação. Outra desvantagem que ele aponta é o despreparo cultural dos egressos das escolas de comunicação, que se mostram cada vez mais incapazes de perceber as realidades globais de uma sociedade em transformação com a qual deverão lidar cotidianamente.

Uma das exigências, não oficiais, mas em certo sentido efetivas, das escolas de comunicação, é a de que o seu corpo docente seja constituído basicamente por pessoas que obtiveram *doutoramento* na área. MacDougall opõe dois tipos de resistência a essa norma informal: 1) ela priva as universidades da presença de jornalistas e profissionais dotados de grande experiência e recomendável bagagem cultural, simplesmente pelo fato de os mesmos não terem cumprido todas as formalidades que conduzem ao título de doutor; 2) ela restringe o corpo docente a pessoas que tiveram uma formação distorcida, na medida em que aprenderam a lidar com metodologia de pesquisa, assimilaram noções teóricas, mas não têm experiência profissional, nem sabem exatamente como se desenvolve a atividade dos *media*.

Corolário da questão anterior é o debate em torno do PhD em Comunicação na sociedade norte-americana, cujas possibilidades de emprego são cada vez menos numerosas, restringindo-se quase que às próprias universidades. MacDougall toma esse dado como indicador da inadequação dos atuais programas de pós-graduação, que devem orientar-se para o treinamento de indivíduos habilitados ao exercício de funções concretas em agências de comunicação e não somente cidadãos inclinados à reflexão teórica e à investigação empírica.

Procurando contribuir para essa mutação inadiável, o professor James Schwartz, em artigo publicado em *Journalism Quarterly*, alinhava algumas observações bem sugestivas, além de algumas recomendações concretas.

As suas preocupações são de base marcadamente pedagógicas. Ele parte do princípio de que os professores de jornalismo têm se esforçado para enfatizar junto aos alunos, nos últimos anos, que esta é a era da comunicação. Concordando com a premissa, Schwartz todavia dimensiona-a nos seguintes termos: será que o ensino de jornalismo tem procurado encontrar caminhos peculiares à era da comunicação? Ou será que continuam a predominar velhas teorias pedagógicas, vinculadas ao período que antecedeu a chamada era da comunicação?

Em função dessa problemática ele formula algumas sugestões:

- 1) Reformular totalmente o currículo dos cursos de jornalismo, de um modo geral alicerçado no mecanismo comercial que marcou o desenvolvimento da indústria jornalística. Na sua opinião, os *mas^s media* converteram-se em veículos dotados de poderosa influência junto à sociedade e os futuros profissionais precisam ser formados com uma adequada visão das suas responsabilidades sociais e não apenas com um treinamento para as técnicas que os futuros empregadores lhes irão exigir;
- 2) Transformar a sistemática pedagógica — um dos aspectos questionados pelo autor é o curso tipo conferência, onde o aluno limita-se a ouvir a palavra do professor, sem ter oportunidade para um diálogo e uma reflexão mais demorada sobre os problemas estudados; sua sugestão é a substituição das preleções por um trabalho centralizado em seminários, com pequenos grupos, tendo como infra-estrutura textos selecionados para leitura e discussão;
- 3) Outra reforma pedagógica que ele propõe é a eliminação do atual sistema de avaliação do aprendizado; na sua opinião tal sistema mostra-se inadequado e cria um *stress* junto aos estudantes, prejudicando os reais objetivos do processo educacional;
- 4) Coloca, outrossim, a questão da flexibilidade dos professores quanto aos respectivos programas. Ele indaga: até que ponto há renovação no sentido de atender aos fenômenos da sociedade de hoje, ou até que ponto os professores não se conservam comodamente fiéis aos seus programas tradicionais? Na mesma linha de raciocínio: em que medida os programas procuram não apenas visualizar o passado e o presente, mas buscam trabalhar com antecipação, permitindo ao aluno visualizar as tendências da sua atividade profissional nos anos futuros?
- 5) A respeito da pesquisa, ele conclui que os estudiosos do jornalismo têm se limitado quase que somente à pesquisa de audiência e efeitos (sempre vinculando-os àquela realidade industrial já apontada), e sugere que se amplie o universo da investigação, incluindo outros elementos do processo comunicativo (como é o caso do comunicador) e mudando o eixo de referência (dos interesses dos empresários para os interesses da sociedade).

Algumas tentativas de mudanças já vêm sendo feitas. George Sorensen conta-nos, por exemplo, a experiência da Universidade Estadual da Califórnia, em San Diego, que instituiu um novo programa de mestrado com diretrizes bem diversas das tradicionais.

A inovação básica desse novo programa é que ele representa uma tentativa de trabalho interdisciplinar. Não se trata de um programa mantido por um único departamento, mas um conjunto de departamentos, entre os quais estão: jornalismo, sociologia, psicologia, comunicação verbal, radiodifusão e cinema. Por outro lado o programa procura enfatizar o relacionamento direto aluno-professor, não obstante haja um comitê mais amplo que supervisiona as escolhas e decisões de cada candidato. Assim sendo, o programa baseia-se mais em métodos interpessoais ou grupais de ensino do que nos métodos massivos representados pelas aulas tipo conferência.

O programa funciona da seguinte maneira: antes de começar o seu trabalho, o aluno delimita a sua área de interesse, recebendo assessoramento na escolha de cursos, leituras etc. Muitas vezes ele pode ser recomendado a fazer uma série de leituras de recuperação e atualização que não contam crédito para o término do programa. Em outros casos, ele é recomendado a procurar assessoramento mais intensivo em outros setores da universidade do que especificamente no de jornalismo.

Apesar de encontrar-se em fase de implantação, o programa tem obtido sucesso, na opinião de SORENSEN. Ele aponta o crescimento das matrículas como indício concreto do êxito.

Um outro tipo de preocupação existente hoje nas universidades americanas refere-se ao *background* do estudante de jornalismo e à etapa da vida universitária em que lhe deve ser oferecido um programa de estudos profissionais. Vários professores, como é o caso de John de Mott, defendem o ponto de vista de que tal etapa deve coincidir com o mestrado. Ele sugere diminuir o número de cursos profissionais em nível de graduação, fortalecendo a pós-graduação.

O fundamento para tal medida reside no fato de que nem sempre os estudantes em nível de graduação têm conhecimentos humanísticos ou maturidade para entender exatamente o comportamento de certos fenômenos marcantes da vida jornalística.

Pode-se notar inclusive uma certa inclinação para enfatizar a formação profissional ao nível de mestrado, recebendo estudantes com bacharelado em outras áreas. Na medida em que as atividades dentro dos *media* se especializam cada dia mais em funções dos setores da estrutura social, é concebível dar-se preferência a estudantes que já tenham certa bagagem cultural em economia, política, sociologia, direito, educação etc., fornecendo-lhes a instrumentação para interpretar e analisar os fatos ligados a tais áreas e difundirlos posteriormente através dos *media*.

Tendência semelhante já existe em certos países europeus, como a Inglaterra, a Hungria, ou mesmo no Japão, onde os cursos de jornalismo são oferecidos ao nível de pós-graduação.

Se essa orientação mostra-se válida para a formação de pessoal destinado às seções especializadas do jornal e dos outros veículos de comunicação, ela não se apresenta tão adequada quando se trata de profissionais para as funções gerais (redação, reportagem, edição). MacDougall contesta, por exemplo, a opinião de que para tais cargos, como o advogam alguns empresários, os graduados em estudos humanísticos seriam melhores do que os graduados em jornalismo. O autor sugere que isso é uma falácia, pois a educação humanística nos USA vem se transformando em simples repositório de fatos não assimilados pelos estudantes, já que resultam da memorização intensiva feita nas vésperas dos exames. Ele explica que o *background* cultural oferecido pelas escolas de jornalismo nos cursos de bacharelado é bem mais amplo para permitir uma observação adequada da realidade contemporânea. MacDougall está de acordo, porém, com a formação de repórteres e redatores especializados, em nível de mestrado.

Extrapolando essa problemática menor sobre as características da formação de jornalistas, MacDougall afirma o seguinte: na verdade o que vem ocorrendo na imprensa americana é uma perda de prestígio e de confiança junto ao público, justamente por causa do mau preparo dos jornalistas, em muitos casos indivíduos sem a instrução necessária para divulgar matérias de interesse do público em geral. Por isso, ele concita os educadores do Jornalismo a proporcionar elementos capazes de salvar os próprios jornais dos erros que antigos editores e administradores não têm condições sequer para perceber.

O fato é que os próprios editores estão preocupados com tal situação e têm buscado influir nas escolas de jornalismo. Ainda recentemente a *American Newspaper Publishers Association Foundation* (ANPA) realizou um seminário conjuntamente com a *Association for Education in Journalism* (AEJ), com o objetivo de discutir os problemas relacionados com a formação de jornalistas para a imprensa americana, na década de 70 e além.

O documento resultante daquele encontro é um indicio bem revelador da inquietação que existe em ambos os setores: na empresa e na universidade, sobretudo em face das últimas tendências das escolas de comunicação que se afastaram significativamente das atividades pragmáticas, em nível profissional, e enveredaram por atividades mais abstratas, em nível teórico.

Apesar de aquela reunião não ter tido preocupações conclusivas, o que se pode perceber sutilmente é uma atitude voltada para aproveitar o cabedal de instrumentos metodológicos já alicerçados, voltando-o para pesquisas de interesse imediato.

É difícil prever exatamente os rumos do ensino de pós-graduação em Jornalismo nos USA, principalmente porque a crise atual corresponde também a um reflexo da crise geral da sociedade nor-

te-americana. Certos valores, outrora venerados como absolutos e perfeitos, hoje começam a ser discutidos, negados e rejeitados. É o caso, por exemplo, da *objetividade*, marca indelével do estilo de jornalismo exportado mundialmente pelos USA, e também a *liberdade de imprensa*, o *interesse público dos media*, e assim por diante.

A única inclinação perceptível claramente é a aproximação cada vez mais intensa que se faz entre o Jornalismo e as Ciências Sociais, no sentido de utilizar certos instrumentos metodológicos, ou certas abordagens conceituais, para uma captação mais acurada do fato noticiável, bem como para a sua análise e sua interpretação. Exce-lentes contribuições nesse sentido foram proporcionadas pelo simpósio realizado em 1966 pela Escola de Pós-Graduação em jornalismo da Universidade de Columbia (Nova Iorque), e cujos frutos já começam a brotar em trabalhos como o de Philip Meyer, teórico das novas formas de *precisão jornalística*.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- GILLELAND, La Rue, "Educators show concern for making classrooms relevant, exciting", *Journalism Educator*, Vol. 27, n.º 3, outubro de 1972, pp. 4-8.
- MCCOMBS, Maxwell, "Too many whack at problems, fail to think creatively", *Journalism Educator*, Vol. 29 n.º 1, abril de 1972, pp. 3-5.
- DENNIS, Everette E., "Seminars in New Journalism kindle student enthusiasm", *Journalism Educator*, Vol. 28, n.º 1, abril de 1973, pp. 3-5.
- BURD, Gene; Curtis MacDougall; William R. Lindley; Steven H. Chaffee, "The PhD Debate", *Journalism Educator*, Vol. 28, n.º 2, julho de 1973 pp. 9-21.
- MEYER; Phillip, *Precision Journalism — A Report's Introduction to Social Sciences Methods*, Bloomington, Indiana University Press, 1973, 352 p.
- WILCOX, Walter, *Liberal Education and Professional Journalism Education — a Study of Curricula Structure*, Iowa City: State University of Iowa, 1959.
- YU, Frederick T. C., ed., *Behavioral Sciences and the Mass Media*, New York: Russel Sage Foundation, 1968, 270 p.
- ANPA — American Newspaper Publishers Association, ed., *Education for Journalists in the Seventies and Beyond*, Washington, 1974, 349 p.
- MACDOUGALL, Curtis D., "What Newspaper Publishers Should Know About Professors of Journalism", *Journalism Quarterly*, Vol. 24, n.º 1, 1947, pp. 1-8.
- DE MOTT, John, "Journalism Education: A Personal Concept", *Journalism Educator*, Vol. 21, n.º 4, 1967, pp. 121-125.
- SORENSEN, George, "Interdisciplinary master's program serves campus well", *Journalism Educator*, Vol. 28, n.º 3, 1973, pp. 36-38.

- SCHWARTZ, James W., "Experimentations and Ennovation in this Age of Reform", *Journalism Quarterly*, Vol. 46, n.º 4, 1969, pp. 818-822.
- MACDOUGALL, Curtis D., "School of Journalism Are Being Ruined", *Grassroots Editor*, Carbondale, III, Vol. 13, n.º 5; 1972; pp. 22-26.
- LAZARSFELD, Paul, "Unfinished Business... Communication Research", *Grassroots Editors*, Vol. 8, n.º 2, 1972, pp. 3-6.
- STEWART, Guy H. e PAUL A. Atkins, "J— Schools work more closely with commercial newspapers, sever ties with campus press", *Journalism Educator*, Vol. 25, n.º 3, 1970, pp. 2-5.
- LINDLEY, William R., "Speech Departments like Communication in their names, too", *Journalism Educator*, Vol. 26, n.º 1, 1971; pp. 14-15.
- RUSH, Ramone R. — "Avanced estudants like than one to criticize work", *Journalism Educator*, vol. 26, n.º 3, 1971, pp. 39-42.
- NELSON, Harold L. e outros, "Independent Journalism Programs", *Journalism Educator*, Vol. 22, n.º 2, 1967, pp. 10-13.
- HIGTON, Jake, "Green Eyeshadez vs Chi-Squares", *The Quill*, Chicago, Vol. 55 n.º 2, 1967, pp. 10-13.
- HUBBARD, Timothy Wm., "The Crane Scale — How to Get Professional Journalists of he Academic Reservation", *The Quill*, Vol. 55, n.º 4, 1967, pp. 18-19.
- LYNCH, Mervin D., "From Chi Squares to Analisis of Variance, a rejoinder...", *The Quill*, Vol. 55 n.º 5, 1967, pp. 29.
- MACDOUGALL, Curtis D., "My Stands vs Chi-Squares", *The Quill*, Vol. 55, n.º 7, 1967, pp. 26.
- SCHAFFER, Jan, "The Great Journalism Rush", *The Quill*, Vol. 62, n.º 4, 1974, pp. 13-16.
- SAALBERG, Harvet, "Graduate Students welcome opportunities to learn J-fundamentals they lack", *Journalism Educator*, Vol. 25, n.º 2, 1970, pp. 22-25.
- KROUPA, Eugene A. e JAMES Evans, "New Directions in Agricultural Communications Curricula", *AAACE*, Vol. 56, n.º 3, 1973, pp. 28-38.
- TUCKER, Willis, "Reflections Concerning Journalism Education", *Grassroots Editor*, Vol. 14, n.º 5, 1973, pp. 9-11.
- STEMPEL III, Guido H., "Many Schools favor J—test for graduate admission", *Journalism Educator*, Vol. 27, n.º 1, 1972, pp. 6-8.
- ESHENAUER, Ruth, "Revolution or Rigor Mortis? Journalism Education in the Seventies", *Grassroots Editor*, Vol. 11, n.º 3, 1970, pp. 10-11.
- BROWN, Donald E., "Greath Britain estlishes first university — level journalism curriculum", *Journalism Educator*, Vol. 26, n.º 2.
- KUPIS, Tadeusz, "Institute of Journalism of Warsw University", *The Democratic Journalist*, 1972, n.º 3, pp. 9-12.
- TOPUZ, Hifzi, "The Training of Journalists in Europe" *The Democratic Journalist*, 1972, n.º 12, pp. 9-12.
- OBUKHOV, Lev. "The Training of African Journalist and the West", *The Democratic Journalist*, 1971, Vol. 5, pp. 4-6.